



Tecendo saberes de uma educação antirracista nas entrelinhas de Ananse pelas escrevivências dos alunos da Escola Municipal Maria Amoras de Oliveira

**Weaving knowledge of anti-racist education between the lines of Ananse through
the writings of students at Escola Municipal Maria Amoras de Oliveira**

Rafael Fernando Serrão CHAVES¹

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará (IFPA)

RESUMO: O presente estudo é de cunho qualitativo e objetiva dialogar com a experiência do projeto de leitura na escola Municipal Maria Amoras de Oliveiras (Bairro Benguí, Belém-PA) e de como tal projeto pode contribuir para uma educação antirracista no enfrentamento do racismo na escola. Partindo de um tema gerador “resgatar nossa história de vida” o professor e os alunos desenvolveram o projeto de leitura “O baú das histórias de Ananse”, tendo como base teórica os estudos de Zelia Amador de Deus sobre os descendentes de Ananse na Amazônia e as escrevivências de Conceição Evaristo para construir reflexões fundamentais para a vivência de relações étnico-raciais democráticas, contra hegemônicas por uma educação libertadora, através de obras de escritores negros e das escritas de vida dos alunos.

PALAVRAS-CHAVE Educação Antirracista. Escrevivências. Leitura

ABSTRACT: The present study is of a qualitative nature and aims to dialogue with the experience of the reading project at the Maria Amoras de Oliveiras Municipal School (Bairro Benguí, Belém-PA) and how such a project can contribute to anti-racist education in confronting racism at school. Starting from a generating theme “rescuing our life story”, the teacher and students developed the reading project “The chest of Ananse stories”, having as a theoretical basis the studies by Zelia Amador de Deus on the descendants of Ananse in the Amazon and Conceição Evaristo's writings to build fundamental reflections for the experience of democratic ethnic-racial relations, against hegemonic ones for a liberating education, through the works of black writers and the students' life writings.

KEYWORDS: Anti-Racist Education. Writings. Reading

Introdução

¹ SEMEC, Cursando Especialização Linguagens, Artes na Docência IFPA-Belém. E-mail: rafaelfernando.sc@gmail.com



Historicamente se tem discutido o projeto de educação moldado na lógica da dominação que está pautada nas pressões, cerceamentos do mundo externo, que permite ao mercado gerir o monopólio do conhecimento, pois o mercado caminha de acordo com as normas do capitalismo. Construir um projeto educativo libertador que permita o acesso ao conhecimento visando à educação como direito inviolável, passa por um processo importante que dá forma ao pensamento que é constituído pelo ato de ler, ou como afirma Paulo Freire (1989) “a leitura de mundo é precedida pela leitura da palavra” (Freire, 1989, p. 9). Pelo ato de ler o mundo é possível escrever e reescrever uma visão da história e dialogar criticamente sobre a forma de conhecimento sistêmico imposta pelo sistema de ensino que nos afasta do que nos é sensível e do viver-com. Ou, como nos demonstrava Milton Santos (2001) ao direcionar nossos olhares para um problema crucial baseado na passagem de “uma situação crítica para uma visão crítica” (Santos, 2001, p.116) para depois alcançar uma tomada de consciência que permite agir no mundo para transformá-lo.

Dentre as situações críticas que circundam no mundo guiado por uma globalização perversa é possível apontar o racismo como elemento cultural e estrutural de um sistema de dominação e violência (física e psicológica) contra a população negra. Para tanto, surge o desafio de pôr em ação a Lei nº 11.645, de 10 de março de 2008, que inclui diversos aspectos da história e da cultura que caracterizam a formação da população brasileira, a partir desses dois grupos étnicos (negros e indígenas). Tal Lei permite o acesso ao estudo da história da África e dos africanos, a luta dos negros e dos povos indígenas no Brasil, a cultura negra e indígena brasileira entre outros aspectos que auxiliam na reescrita da história e orienta nosso pensar na perspectiva do ato de ler, conhecer o outro para uma consciência crítica para romper estereótipos negativos quanto a imagem do negro e do indígena.

Neste sentido de reescrita e combate às práticas racistas na sociedade foi elaborado um projeto com a turma do 4º ano (C21101) da Escola Municipal Maria Amoras de Oliveira (Rede Pública de Ensino, Bairro do Benguí, Belém-PA) chamado “O Baú das Histórias de Ananse” tendo como recurso pedagógico o livro de Gail E. Haley (1994) “O Baú das Histórias” e como base teórico-metodológica o livro da professora Dra. Zelia



Amador de Deus (2019) chamado “Ananse tecendo teias na diáspora”. No livro ilustrado de Haley, Kwaku Ananse o “homem aranha” que também são chamadas de “Histórias de Aranha” conta como homens e pequenos animais superam grandes dificuldades pela inteligência. No livro, a Ananse tece uma teia até o céu e tenta resgatar todas as histórias da terra que pertencem a Nyame, o “Deus do Céu”. Zelia (2019) explica no seu livro que mesmo diante da cultura do senhor, as culturas dos africanos escravizados resistiram e persistiram e que essas memórias caminham no tempo e espaço (o que nos direciona para o significado de ancestralidade) e cita Homi Bhabha (1996) ao falar do “entre-lugar” como uma renovação do passado, ou seja, o “passado-presente” como parte da necessidade de viver. A autora discorre que escolheu a lenda de Ananse como uma metáfora de um fenômeno sociocultural desencadeado pelo tráfico de africanos para o continente americano e pontua as diversas formas como a Ananse é conhecida:

Nesse contexto, a deusa Aranã, metamorfoseada de aranha, faz-se presente em vários países das Américas, apresentando-se sob diversos nomes: Anansia, Ananse, miss Nancy, Nanci, Nância. Nomes diversos para referir a mesma divindade capaz de tecer laços de solidariedade entre seus filhos dispersos sob o julgo de uma intensa dominação. (Deus, 2019, p 24).

A partir da fala dos alunos foi possível intuir que seus olhares e formas de ver o mundo pelas imagens estavam voltados para um padrão de sujeito pautado no referencial de brancura, ou seja, o diferente, o outro que é coisificado. E, passa a ser ligado a imagens negativas como diz Santiago (2015) ao denunciar estereótipos aos quais crianças negras são submetidas como os estranhos, os pretinhos, os marginais, os moreninhos, as safadas, entre outros. Buscou-se levar em conta o aspecto emocional, cognitivo e social dos alunos, a partir da analogia da teia de Ananse, construir uma “teia de afetos” e recolher histórias a partir de um repertório de leituras de escritores negros, como Carolina Maria de Jesus, Jefferson Tenório, Conceição Evaristo que potencializasse a aquisição de leitura para uma tomada de consciência sobre o que tange às práticas antirracistas, onde pode-se perceber e identificar situações de racismo que os alunos passaram ou estavam passando no cotidiano a partir de rodas de leitura e produções textuais (ao todo foram 14 aulas no qual o projeto foi realizado de setembro a novembro de 2022). O desafio neste



processo, além da escolha do repertório literário, foi fomentar o prazer, a autonomia pelo ato de ler, gerar consciência em alunos que, muitas vezes, foram orientados a recusar o livro ou como diz Bell Hooks (2020) que “ia dar aulas para estudantes que simplesmente tem pouco ou nenhum interesse em ler” (Hooks, 2020, p. 199).

O caminho encontrado foi partir de como explica Paulo Freire (1989) “encontrar significado da educação no contexto da existência social” (Freire, 1989, p. 9), ou seja, aprender a ler o mundo, compreender o seu contexto, estabelecendo relação entre texto e contexto. Esta relação possibilitou tecer teias de afeto com os alunos que uma vez por semana tinham roda de leitura, diálogo aberto, produção artística e literária em sala de aula com recursos disponibilizados pelo professor. Um momento que ajudou muito a produção e diálogo dos estudantes ocorreu quando se utilizou o termo “escrevivência” de Conceição Evaristo (2020) que parte a priori da escrita das mulheres negras que pretende borrar, desfazer uma imagem do passado, resgatando nos estudantes o sentido de suas vivências individuais e coletivas no decorrer da história. De uma turma de 22 alunos, 60% eram alunos pretos ou pardos, o que permitiu constatar nas aulas e práticas antirracista, através de textos, vídeos e escrita que todos os alunos pardos ou pretos foram vítimas do racismo e encontraram no projeto do Baú de Ananse um lugar para acolher sua voz, dores e também esperanças de transformação, pois é uma armadilha do sistema de poder colocar práticas antirracistas em voga.

Evocar de modo coletivo as escrevivências dos alunos por meio de suas produções artísticas e literárias como poesia, desenho, redação, leitura em grupo e pequenos estudos de caso através de notícias em jornais impressos ou de páginas da internet remete novamente as teias de Ananse, mas como uma “teia do acontecimento relacional” (Kiffer, Pereira, Apud Glissant, 2021, p 17). Isto é, tudo entra em relação para perceber o mundo-contexto do outro, um ser social em liberdade criativa, pois, o racismo nos faz desaprender de si, a constituição e história de si e o sentido de comunidade. E, como nos demonstra Bell Hooks (2022) “lutar contra o racismo é um processo de reafirmação de si mesmo como sujeitos que sofrem o “impacto desumanizador do racismo” que tenta nos manter no lugar de objetos” (Hooks, 2022, p.185).



Aprender por meio de uma “educação descolonizada é compreender o direito de existir plenamente como uma condição da diversidade do mundo” (Rufino, 2021, p. 36) o que exige uma prática de educação libertadora ética e estética, que envolva uma descolonização dos saberes que passa pela inconformidade, rebeldia e lutas contrárias a dominação e o desvio do ser, de suas práticas de saberes. Decorre daí a não desistência do sonho como possibilidade e um ato de transgressão, já que os fios-teias de Ananse bordam e (re)conectam presenças ancestrais no espaço-tempo das vidas e dos afetos.

1 Metodologia

A presente pesquisa é de cunho explicativa. Segundo Gil (2008), a pesquisa explicativa tem como objetivo primordial identificar fatores que determinam ou que contribuem para a ocorrência de fenômenos. Este tipo de pesquisa é a que mais aprofunda o conhecimento da realidade, e por isso mesmo, está fortemente calcada em métodos experimentais. Pode-se dizer que o conhecimento científico está assentado nos resultados oferecidos pelos estudos explicativos.

Este trabalho tem por objetivo discutir sobre a importância da leitura no ambiente escolar aliada à educação antirracista, por meio das obras de escritores negros, dialogando com a história de Ananse e de Zelia Amador pelas “escrevivências” dos alunos.

2 Resultados

No mês de novembro de 2022 foi trazido um texto do Jornal o Globo, onde Jeferson Tenório (2021) compartilha que “a maior transgressão que pude fazer na vida foi me tornar leitor”², onde foi debatido temas urgentes sobre educação e isso sensibilizou os alunos quanto as situações didáticas de leituras que foram utilizadas no projeto do Baú das Histórias de Ananse. Assim, a fala de Tenório inspira os alunos a compreenderem o

² Disponível em: <https://oglobo.globo.com/brasil/educacao/educacao-360/educacao-360-maior-transgressao-que-pude-fazer-na-vida-foi-me-tornar-leitor-afirma-escriptor-jeferson-tenorio-25199527>. Acesso em: 03 de março de 2023.



ato de ser leitor como um ato de transformação social, cultural e contra hegemônico, pois passamos a nos entender como “sujeitos em relação com o mundo” (Lima Apud Freire, 2021, p.75).E, também, passamos para uma relação de Viver-com, onde compartilhamos nossas “escritas de nós” e a escrita passa para uma visão madura, crítica quando Adão, Amaral, Carmo (2022) afirmam que “escrita não é apenas uma expressão poética romântica de representação de um eu, é muito mais que isso, há um caráter político, de transformação” (Adão, Amaral, Carmo, 2022, p. 93).

Zelia Amador explica que “ao narrar uma história pelas teias de Ananse ela não fala na condição de espectadora, mas fala como parte envolvida do processo” (Deus, 2019, p. 26). Em outras palavras, Zelia é uma herdeira de Ananse e compartilha essa presença na Amazônia, através de sua história, o que buscou-se fazer também na vida de cada aluno, resgatar histórias que foram silenciadas. Ao final do mês de novembro, o professor e os alunos construíram um fotolivro intitulado “Antirracismo na Escola” e vivenciaram a partir de suas produções textuais, experiências de leitura em um outro mundo possível, para além do massacre de suas subjetividades pelo racismo. Nesta perspectiva, é possível entender quando Mesquita (2022) ao citar outra trilha possível (coletivamente assumida), para além da violência encontrada por Beatriz Nascimento dizia que é necessário “(re)inscrever-se no mundo a partir de nossas próprias lentes” (Mesquita Apud Nascimento, 2022, p. 47).

3 Conclusões

Conclui-se que a partir do presente artigo é urgente promover uma prática de educação antirracista no chão da escola que sensibilize os alunos para uma tomada de consciência que possa identificar, combater e erradicar o racismo na escola. Nesse sentido, a literatura é um recurso metodológico e pedagógico eficaz, à luz das ações da Lei 11.645 e das vivências e lutas de escritores negros contra as diversas formas de opressão, que atingem a população negra no Brasil.



Em suma, apresentar a vivência dos alunos, por meio das Histórias de Ananse e de suas próprias escrevivências indica caminhos para gerar relações étnico-raciais mais saudáveis, que possibilitem a reflexão e a discussão acerca da importância da leitura em sala de aula numa perspectiva antirracista, que fomente o resgate da história do povo africano e de seus descendentes (assim como Ananse fez na história) a partir das próprias experiências, vivências e pensamento crítico.

REFERÊNCIAS

ADÃO, Alessandra Barbosa, AMARAL, Amanda Gomes do, CARMO, Monaliza Aparecida do. **As escrevivências de mulheres negras: resistências, vozes e fazeres que nos circundam**. Giro Epistêmico para uma Educação Antirracista - Organização Ellen Souza, Sidnei Nogueira, Gabriela Tebet. São Carlos: Pedro & João Editores, 2022. p 87-102.

AMADOR DE DEUS, Zelia. **Ananse tecendo teias na diáspora: uma narrativa de resistência e luta das herdeiras e dos herdeiros de Ananse**. Belém. Secult, 2019.

BRASIL. LEI Nº 11.645, DE 10 MARÇO DE 2008. Dispõe sobre a alteração da Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei no 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira Indígena”. Disponível em https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/111645.html. Acesso em: 04 de março de 2023.

Escrevivência: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo / organização Constância Lima Duarte, Isabella Rosado Nunes; ilustrações Goya Lopes. -- 1. ed. -- Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989.

GLISSANT, Édouard. **Poética da Relação**. Rio de Janeiro. Bazar do Tempo, 2021.

HALEY, Gail E. **O Baú das Histórias – Um conto africano**. Rio de Janeiro. Autores e Agentes e Associados, 1994.

HOOKS, Bell. **Ensinando pensamento crítico, sabedoria prática**. São Paulo. Editora Elefante, 2020. Pertencimento: uma cultura do lugar. São Paulo. Editora Elefante, 2022



LIMA, Venício A. de. **A prática da liberdade, para além da alfabetização**. São Paulo. Fundação Perseu Abramo. Belo Horizonte. Autêntica Editora, 2021.

MESQUITA, Tayná Victória de Lima. **Decolonizando o eu: Reflexões a partir de um ponto de vida negro**. Pedagogia Feminista Negra: primeiras aproximações – organização Carolina Pinho e Tayná V.L Masquita. São Paulo. Editora Veneta, 2022. p. 45-74.

RUFINO, Luiz. **Vence-demanda: educação e descolonização**. Rio de Janeiro. Mórula, 2021.

SANTIAGO, Flávio. **Cheche e Racismo**. Eletrônica de Educação, São Carlos, v.9 n. 2, p. 441-460, 2015.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal**. 6ª ed. Rio de Janeiro. Editora Record, 2001.